


A GEOGRAFIA DA ODISSEIA (1904)

LA GÉOGRAPHIE DE L'ODYSSÉE (1904)

PAUL VIDAL DE LA BLACHE (1845-1918)

 Mariane Motta Ferreirinha ^A

 Dominique Daria Rocha de Almeida Fernandes ^B

^A Licenciada em Geografia e mestranda pelo PPGGEO PPGGEO - FFP/UERJ

^B Bacharel e Licenciada em letras - Português/Francês

Recebido em: 02/09/2021 | 08/11/2021 DOI: 10.12957/tamoios.2021.62117

Correspondência para: Mariane Motta Ferreirinha (marianemotta23@yahoo.com.br)

A obra “A geografia da Odisseia” foi publicada por Paul Vidal de La Blache no ano de 1904 nos Annales de Géographie e ainda hoje representa um importante marco para aqueles que debruçam seus estudos sobre a relação entre Geografia e Literatura. La Blache tornou-se um dos principais expoentes da História do Pensamento Geográfico visto o fato de que é em torno de suas formulações que se articula a escola francesa de Geografia. Embora a referida obra tenha sido publicada nos primeiros anos do século XX, cabe ressaltar as influências históricas que perpassam seu pensamento.

O advento da revolução burguesa ocorrida na França permitiu grandes transformações de ordem social e política, influenciando diretamente na produção intelectual que se desenvolve nas décadas seguintes. As alterações ocorridas no espaço francês, dentre elas a eliminação dos resquícios do feudalismo, as mudanças do espaço agrário e a ascensão da burguesia ao poder como classe revolucionária, fizeram com que o país experimentasse uma unificação precoce. Esses fatores promoveram ao longo do tempo o surgimento de propostas progressistas e de tradição liberal que reverberaram no pensamento intelectual e, consequentemente, na geografia que se desenvolve na França.

Algumas das muitas contribuições de La Blache residem na crítica ao naturalismo e ao determinismo geográfico, entendendo em seu pensamento que o homem dispõe de um componente criativo em sua ação, recebendo as influências do meio, mas também o transformando. Logo, a natureza não se torna um fator impositor e determinista sobre a vida dos homens, mas possibilidade para suas ações. Além disso, devido sua formação acadêmica como historiador, há em La Blache um forte debate com esta perspectiva, que se apresenta, inclusive, na obra “a Geografia da Odisseia” que representa uma significativa contribuição no que diz respeito ao estudo comparado entre Literatura, Geografia e História.



Em “A Geografia da Odisseia”, La Blache toma como ponto de partida a obra de Victor Bérard. Bérard foi arqueólogo, tradutor e comentarista responsável pela tradução do poema épico de Homero para o francês. Ao realizar a tradução, constrói uma análise dotando a obra “A Odisseia” de certa consciência histórica, afirmando que as cenas do poema épico se passam em terras reais, não imaginárias. La Blache, por sua vez, comenta as possibilidades apresentadas por Victor Bérard aproximando o diálogo com a Geografia.

La Blache afirma que a obra de Bérard indica uma geografia do mundo mediterrâneo no período homérico, e que se as viagens de Ulisses se movem sobre um fundo real, a obra literária poderia trazer aprendizados quanto à geografia histórica da época. Além disso, problematiza o fato de que, mesmo utilizando da imaginação, o fundo real das paisagens anima, personifica, nutre a imaginação do poeta, ligando de alguma forma o texto literário - poema, às imagens descritas da Odisseia em aplicação às coisas realmente vistas e praticadas.

Nesta obra, La Blache finaliza se colocando frente à crítica acadêmica e ao desdém que ela demonstra para este modo de interpretação do poema, considerado aparentemente descendente. Tal posicionamento evidencia que a relação entre Geografia e Literatura sempre esteve em pauta de discussões, e que as tensões que a associação entre o discurso científico e o discurso literário suscitam não são novas, todavia, a produção da obra “A Geografia da Odisseia” representa um trabalho importante realizado por um dos principais autores da Geografia. A possibilidade de compreensão e interlocução entre Geografia e Literatura expressa através desta obra respalda os geógrafos que desejam desenvolver pesquisas na área, demonstrando a possibilidade de contextualização histórica e geográfica do texto literário.

LA GÉOGRAPHIE DE L'ODYSSÉE

D'APRÈS L'OUVRAGE DE M^r V. BÉRARD¹

(PHOTOGRAPHIES, PL. 1 et 2)

Il y a dans le bel ouvrage que M^r Bérard vient de terminer : *Les Phéniciens et l'Odyssée*, deux thèses distinctes bien que, dans la pensée de l'auteur, étroitement liées l'une à l'autre. L'une a pour objet d'établir l'origine phénicienne des données sur lesquelles aurait travaillé l'auteur de l'Odyssée. Elle emprunte surtout ses arguments à l'onomastique. M^r Bérard s'y montre fidèle aux idées dont il s'est inspiré dans son livre sur *L'origine des cultes arcadiens*², ainsi que dans plusieurs études dont nos lecteurs n'ont pas perdu le souvenir³. Mais en même temps que cette provenance, et à l'appui de la démonstration qu'il en veut faire, l'auteur se propose d'établir que d'un bout à l'autre du poème les scènes de l'Odyssée se passent dans des contrées réelles et non imaginaires. Pour cela il ne se contente pas, comme ses devanciers, de confronter séparément les expressions du texte avec les localités où par hypothèse on les localise : il cherche à reconstituer les conditions générales qui présidaient, vers l'époque homérique, aux voies de commerce, aux étapes de navigation, aux sites d'établissements. M^r Bérard estime qu'il y a là un ensemble de questions qui s'éclairent réciproquement à la lumière des lieux. Il use même d'un nom nouveau, celui de *topologie*, pour désigner cette étude. Le vieux nom de géographie suffirait, je crois. C'est bien une géographie du monde méditerranéen à l'époque homérique qu'on peut, suivant l'auteur, tirer de l'Odyssée.

C'est sur ce terrain géographique que nous nous proposons de le suivre ; il serait téméraire de notre part de nous aventurer sur l'autre. M^r Bérard est un géographe et un voyageur qui mérite considération et confiance. N'a-t-il pas, dans ces parages odysseens

1. VICTOR BÉRARD, *Les Phéniciens et l'Odyssée*. Paris, Libr. Armand Colin, 2 vol. in-8. Tome I, 1902, [VI] + VII + 891 p., 98 fig. et pl. phot. et cartes, 25 fr. — Tome II, 1903, [VI] + VII + 632 p., 3 index, 143 fig. et pl. phot. et cartes, 1 pl. carte, 25 fr.

2. V. BÉRARD, *De l'origine des cultes arcadiens. Essai de méthode en mythologie grecque* (Bibliothèque des Écoles de Rome et d'Athènes, Paris, 1894, in-8).

3. V. BÉRARD, *Études de géographie ancienne : Noms sémitiques en Grèce* (Annales de Géographie, III, 1893-1894, p. 382-385; IV, 1894-1895, p. 222-224); — *La Méditerranée phénicienne* (ibid., p. 271-286, 414-431); — *Topologie et toponymie antiques : Mégare* (ibid., VII, 1898, p. 363-375).

A Geografia da Odisseia

Segundo a obra de Sr. V. Bérard¹

(Fotografias, Fig. 1 e 2)

Existe, na bela obra que o Sr. Bérard acaba de terminar: *Os fenícios e a Odisseia*, duas teses distintas, ainda que, no pensamento do autor, estreitamente ligadas uma a outra. Uma tem como objeto estabelecer a origem fenícia dos dados, nos quais teria trabalhado o autor da Odisseia. Ela empresta, sobretudo, seus argumentos à onomástica. Sr. Bérard se mostra fiel às ideias, nas quais ele se inspirou no seu livro sobre *A origem dos cultos acadianos*², bem como em diversos estudos, dos quais nossos leitores não se esqueceram³. Mas ao mesmo tempo que essa proveniência, e em apoio à demonstração que ele quer fazer, o autor se propõe a estabelecer que, de uma ponta à outra do poema, as cenas da Odisseia se passam em terras reais, e não imaginárias. Para isso, ele não se contenta, como seus antecessores, em confrontar separadamente as expressões do texto com as localidades onde se encontram: ele procura reconstituir as condições gerais que presidiam, por volta do período homérico, as rotas comerciais, as etapas de navegação, os locais de estabelecimentos. Sr. Bérard estima haver um conjunto de questões que se esclarecem, reciprocamente, à luz dos lugares. Ele até usa um novo nome, o da *topologia*, para designar esse estudo. O antigo nome da geografia bastará, eu creio. É, de fato, uma geografia do mundo mediterrâneo no período homérico, que podemos, de acordo com o autor, tirar da Odisseia.

É sobre esse terreno geográfico que nós nos propomos de segui-lo; seria temerário de nossa parte nos aventurarmos no outro. Sr. Bérard é um geógrafo e um viajante que merece consideração e confiança. Não penetrou ele, frequentemente, nestas proximidades da Odisseia

¹ Victor Bérard, *Os fenícios e a Odisseia*. Paris, Livr. Armand Colin, 2º vol. in-8. *Tomo I*, 1902, [VI] + VII + 591 p., 98 fig. e fotos e cartas, 25 fr. – *Tomo II*, 1903. [VI] + VII + 632 p., 3 index, 143 fig. e pl. fotos e cartas, 1 pl. carta, 25 fr.

² V. Bérard, *Da origem dos cultos acadianos. Ensaio de método em mitologia grega (Biblioteca das Escolas de Roma e de Atenas*, Paris, 1894, in-8)

³ V. Bérard, *Estudos da geografia antiga: Nomes semíticos na Grécia (Anais de Geografia, III,); O mediterrâneo fenício (ibid., p. 271-286, 414-431); - Topologia e toponímia antigas: Mégara (ibid., VII, 1898, p.363-375).*

de la Méditerranée, pénétré souvent jusque dans les criques et les replis que ne fréquentent pas les paquebots, et où l'on ne parvient qu'à l'aide d'embarcations que reconnaîtrait sans doute le héros d'Homère? Les belles photographies dont l'ouvrage est illustré sont des témoignages. Le long des côtes de Corfou et d'Ithaque, de la Sicile et de la Campanie, elles font vivement défiler sous nos yeux les visions mêmes qui durent frapper les navigateurs, quand ils tâtonnaient entre les caps et les îles, quand au lieu de couper droit à travers la mer ténébreuse, ils recherchaient les étapes et les minuscules abris.

A ceux qui penseraient peut-être qu'une controverse sur la véracité des descriptions homériques n'intéresse que médiocrement la géographie, je ferai observer que nulle part mieux qu'autour de la Méditerranée on ne peut embrasser un long développement de géographie humaine. Peuples et dominations s'y sont succédé; et chaque époque a, suivant l'expression de M^r Bérard, déposé ses fossiles : sanctuaires, vieilles villes ou *astypalées*, noms de lieux tantôt traduits, tantôt déformés par les générations suivantes. Ce n'est pas la même répartition qui, aux différentes époques qu'on peut vaguement définir par les noms de Phénicienne, Grecque, Vénitienne, etc., a présidé au choix des sites, stations et divers établissements humains. Autrefois, dit Thucydide, les villes ne s'établissaient pas dans le voisinage immédiat de la mer; de son temps, c'était le contraire. Longtemps, sur les bords de la Méditerranée les populations se sont cantonnées sur les hauteurs; nous assistons de nos jours à leur descente et à leur éparpillement en plaine, là du moins où la malaria n'en rend pas le séjour impossible. Aujourd'hui les meilleurs ports sont ceux qui s'engagent le plus avant dans les golfes et poussent leur pénétration vers l'intérieur; Syra cède la place à Smyrne. Mais en a-t-il été toujours de même? L'histoire et l'archéologie répondent le contraire. Combien enfin de nouvelles directions imprimées au commerce peuvent-elles affecter la destinée des rivages et des villes! Qui eût dit, il y a cinquante ans, qu'Alger deviendrait une étape fréquentée sur la route d'Angleterre aux Indes?

Ainsi, aux diverses époques de la vie historique de la Méditerranée correspondent des conditions différentes qui se traduisent dans les établissements humains. Chacune de ces périodes a, dans une certaine mesure, sa *poléographie*; et dans les fortunes diverses de cette vie urbaine se reflètent les conditions générales du commerce. Si donc il est vrai que les voyages et erreurs d'Ulysse se meuvent sur un fond réel, si les temps et les lieux n'y sont pas confondus, une leçon de géographie historique comparée peut sortir de cette étude. Le guide qui s'offre à nous pour débrouiller ces questions, doit être accueilli; il a, comme Ulysse, « science personnelle des lieux et des hommes.

do Mediterrâneo, nas enseadas e nos recantos não frequentados por grandes navios, e aonde só se chega por meio das embarcações que, sem dúvida, o herói Homero reconheceria? As belas fotografias que ilustram a obra são testemunhos. Ao longo da costa de Corfu e de Ítaca, da Sicília e da Campânia, elas fazem desfilar vividamente, perante os nossos olhos, as mesmas visões que os navegadores tiveram, quando eles tateavam entre os cabos e as ilhas quando, ao invés de atravessarem diretamente pelo Mar Tenebroso, eles procuravam paradas e abrigos minúsculos.

Àqueles que pensariam, talvez, que uma controvérsia sobre a veracidade das descrições homéricas só interessa mediocrementemente a geografia, eu gostaria de salientar que, em nenhum lugar melhor que os arredores do Mediterrâneo, pode-se abraçar um longo desenvolvimento da geografia humana. Povos e dominações aí se sucederam; e cada época depositou, seguindo a expressão de Sr. Bérard, seus fósseis: santuários, cidades antigas ou *astipaleias*, nomes de lugares, ora traduzidos, ora deformados pelas gerações seguintes. Não é a mesma repartição que, em diferentes épocas pode ser designada vagamente pelos nomes de fenícia, grega, veneziana etc., presidiu a escolha de sítios, estações e diversos estabelecimentos humanos. Antigamente, disse Tucídides, as cidades não se estabeleciam nos arredores imediatos do mar, na sua época era o contrário. Durante muito tempo, nas margens do Mediterrâneo, as populações ficaram confinadas nas alturas; atualmente, assistimos à descida e à dispersão delas aqui na planície, onde, ao menos, a malária não torna a estadia impossível. Hoje, os melhores portos são aqueles que se projetam, antes de tudo, sobre os golfos e incitam a sua entrada para o interior. Siro cede espaço para Esmirna. Mas foi sempre o mesmo? A história e a arqueologia respondem o contrário. Quantas novas direções impressas no comércio elas podem afetar quanto ao destino das costas e das cidades! Quem teria dito, há cinquenta anos, que Alger se tornaria uma paragem frequentada na rota da Inglaterra para a Índia?

Assim, aos diversos períodos da vida histórica do Mediterrâneo correspondem diferentes condições que se refletem nos estabelecimentos humanos. Cada um desses períodos tem, em uma certa medida, sua *poleografia*; e nos diversos destinos desta vida urbana se refletem as condições gerais do comércio. Se, então, for verdade que as viagens e os erros de Ulisses se movem sobre um fundo real, se os tempos e os lugares não foram confundidos, uma lição de geografia histórica comparada pode sair deste estudo. Oguia que nos é oferecido para desvendar essas questões deve ser acolhido; ele tem, como Ulisses, uma experiência pessoal dos lugares e dos homens.

Annales de Géographie - N° 67

Tome XIII - Pl. I



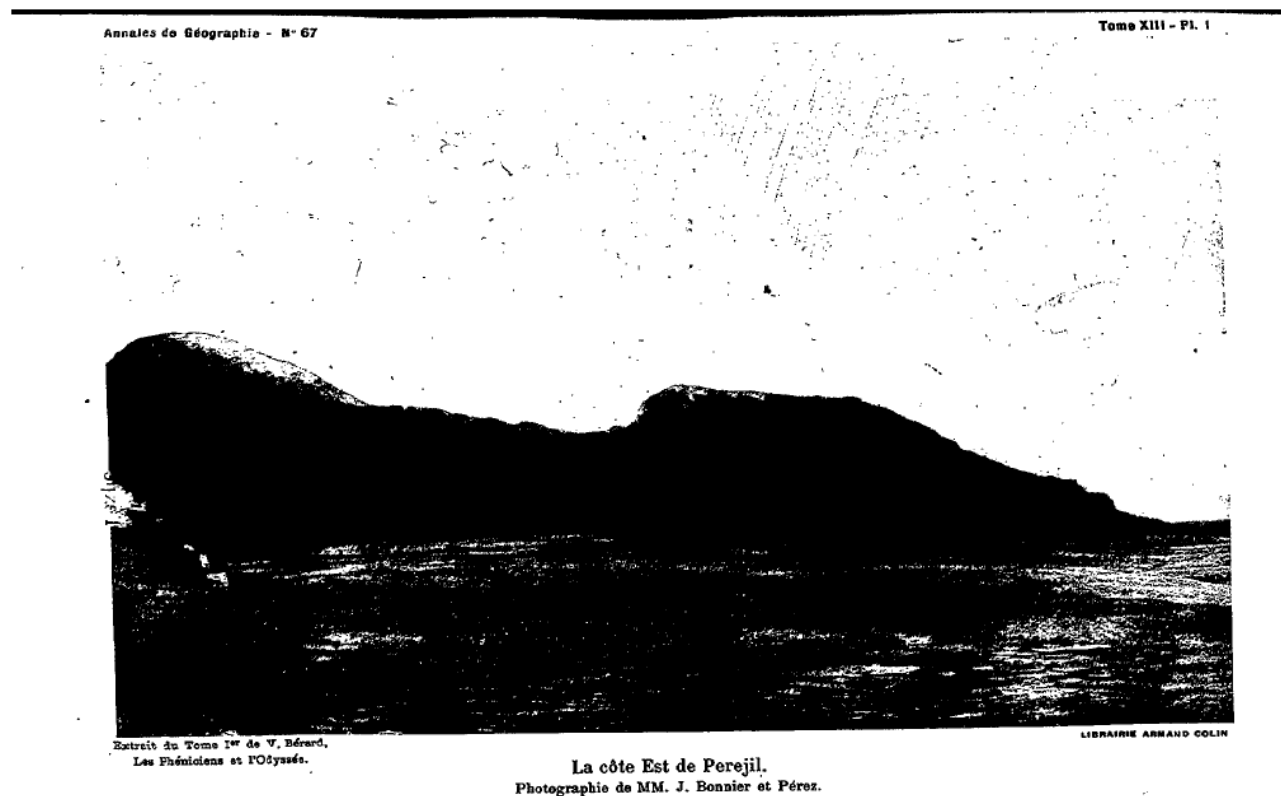
Extrait du Tome I^{er} de V. Bérard,
Les Phéniciens et l'Odyssée.

LIBRAIRIE ARMAND COLIN

La côte Est de Perejil.
Photographie de MM. J. Bonnier et Pérez.

Anais de Geografia – N° 67

Tomo XIII – Fig. 1



Extrato do 1º tomo de V. Bérard,

Livraria Armand Colin

Os fenícios e a Odisseia

A costa leste de Perejil. Fotografia da Sra. J. Bonnier e Pérez.

LA GÉOGRAPHIE DE L'ODYSSÉE.

23

Les anciens se divisaient en deux écoles au sujet de la véracité des descriptions de l'Odyssée. Il y avait ceux pour lesquels les fictions homériques recélaient un fond essentiel de réalité. C'était l'opinion d'Hipparque, de Polybe, de Strabon. « Dresser un échafaudage de fiction sur une base tout imaginaire, n'est pas homérique », disait avec beaucoup de sens le géographe Strabon; et au début de sa grande composition il n'hésitait pas à attribuer la place d'honneur à Homère. D'autres se montraient plus sceptiques. Pour Ératosthène, ces descriptions homériques pouvaient tout au plus être prises au sérieux dans le cercle des contrées anciennement helléniques; au delà ce n'était que légende; et l'on répétait cette boutade du maître : « L'île d'Éole ! autant vaudrait chercher l'ouvrier qui a cousu l'outre des vents ! »

Leake, Gell, Gandar, Schliemann et plusieurs autres ont doctement disserté sur Ithaque; ils y ont identifié les principales scènes des récits odysseens. Cependant la critique moderne s'est montrée, en général, peu favorable à l'opinion de Strabon; elle a plutôt renchéri sur les négations d'Ératosthène. Il y a surtout un auteur contemporain qui s'est distingué par le radicalisme absolu de ses jugements. Pour Rudolf Hercher, essayer de retrouver à travers les scènes de l'Iliade et de l'Odyssée les véritables linéaments de la plaine de Troie ou de l'île d'Ithaque, est pure hallucination. Que penser à plus forte raison des îles des Phéaciens, d'Éole et de Calypso, des terres des Lestrygons et des Cyclopes? Il convient sans doute d'en faire le même cas que des îles de Saint-Brandan, du pays de Gog et Magog de nos cartes du moyen âge, ou des îles et montagnes d'or de Sindbad le marin. Ainsi en ont jugé nombre d'esprits sages.

Ces arrêts cependant inspirent quelques scrupules. Des analogies tirées de la fantaisie arabe ou du merveilleux chrétien ne satisfont guère ceux qui, dans l'Odyssée, apprécient la logique et le naturel des récits. Ces recours au mythe et à la légende ne sont-ils pas un moyen aisé de condamner ce qu'un examen plus attentif du texte et de l'enchaînement des choses permettrait d'expliquer? Il faut faire la part du merveilleux dans une œuvre d'imagination; mais n'y a-t-il pas un fond réel même dans les paysages qu'anime et que personifie le génie du poète?

M^r Bérard nous fait toucher du doigt les réalités homériques. Pas à pas, il suit Télémaque dans son voyage d'Ithaque à Pylos, puis Ulysse dans les diverses pérégrinations qui composent le thème du *nostos* ou retour. Le prodigieux ne manque pas à ces aventures; observons pourtant que les faits, si incroyables qu'ils soient souvent par eux-mêmes, ne se passent pas comme dans un pays de rêve sillonné par quelque vaisseau-fantôme. On navigue sur des bateaux « creux »,

1. STRABON, I, 1, 2. — I, 2, 9. — I, 2, 15. — VII, 3, 6.

Os anciãos se dividiam em duas escolas sobre a veracidade das descrições da Odisseia. Havia aqueles para quem as ficções homéricas continham um fundo essencial de realidade. Era a opinião de Hiparco, de Políbio, de Estrabão. “Erguer um andaime de ficção sobre uma base totalmente imaginária não é homérico”, dizia, com grande propriedade, o geógrafo Estrabão; e, no início de sua grande composição, ele não hesitava em atribuir o lugar de honra a Homero. Outros se mostravam mais céticos. Para Eratóstenes, essas descrições homéricas podiam, no máximo, serem levadas à sério dentro do círculo das antigas terras helênicas; para além delas, era só uma lenda; e repetia-se essa brincadeira do mestre: “A ilha de Eólo! Gostaria tanto de procurar o operário que a edificou para além dos ventos!”⁴

Leake, Gell, Gandar, Schiemann e diversos outros dissertaram, sabiamente, sobre Ítaca; ali eles identificaram as principais cenas das narrativas da Odisseia. No entanto, a crítica moderna se mostrou, em geral, pouco favorável à opinião de Estrabão; ela versou preferencialmente sobre as negações de Eratóstenes. Há, sobretudo, um autor contemporâneo que se distinguiu pelo radicalismo absoluto de seus julgamentos. Para Rudolf Hercher, tentar encontrar, por meio das cenas da *Iliada* e da *Odisseia*, os verdadeiros lineamentos da planície de Troia ou da ilha de Ítaca, é pura alucinação. O que pensar, ainda com maior razão haveria, sobre as ilhas dos feácios, de Eólo e de Calipso, as terras dos lestrigões e dos ciclopes? Convém, sem dúvida, fazer o mesmo sobre as ilhas de São Brandão, o país de Gogue e Magogue dos nossos mapas medievais ou as ilhas e montanhas de ouro de Simbad, o marujo. Assim julgaram muitos homens sábios.

Esses impasses, no entanto, inspiram alguns escrúpulos. Analogias tiradas da fantasia árabe ou do extraordinário cristão quase não satisfazem aqueles que, na *Odisseia*, apreciam a lógica e o natural das narrativas. Esses recursos ao mito e à lenda, não são eles um meio conveniente de condenar o que uma análise mais atenta do texto e do encadeamento das coisas permitiria explicar? É necessário fazer a parte do extraordinário em uma obra de imaginação; mas não tem ela um fundo real mesmo nas paisagens que animam e personificam o gênio do poeta?

O Sr. Bérard nos faz colocar o dedo nas realidades homéricas. Passo a passo, ele segue Telêmaco em sua viagem de Ítaca até Pilos, depois Ulisses nas suas diversas peregrinações que compõem o tema do *nostos* ou retorno. O prodigioso não falta em suas aventuras; observemos, entretanto, que os fatos, por mais incríveis que frequentemente sejam por eles mesmos, não se passam como em uma terra de sonho cruzado por algum navio fantasma. Navegamos em barcos “ocos”, abertos,

⁴ Estrabão, I, 1, 2. – I, 2, 9. – I, 2, 15. – VII, 3, 6.

non pontés, surmontés seulement d'une plate-forme à l'avant et d'une autre à l'arrière : chaque objet y a sa place : manœuvres, gestes, accidents s'expliquent par la disposition du navire. Pour fuir l'île de Calypso, Ulysse construit avec des troncs équarris une *οχητή* ; expression que je traduirai plutôt par chaland que par radeau. Il y a des types renommés de navires ; ce sont les « vaisseaux rapides » en usage chez les navigateurs les plus expérimentés, tels que les Phéaciens. Les départs ont lieu la nuit. De la plage où ils avaient été poussés, les bateaux ont été remis à flot et conduits à la rame jusqu'au promontoire voisin, d'où l'on met à la voile. Il s'agit en effet, comme le montrent les *Instructions nautiques*, de mettre à profit la brise de terre, dès le moment où elle se lève, c'est-à-dire deux ou trois heures après le coucher du soleil. L'opération, régulièrement répétée, suppose qu'entre la plage qui sert d'abri et la pointe d'où l'on prend le large, la distance n'est jamais grande ; le départ à la rame a lieu vers la tombée du jour.

L'aspect des côtes est décrit comme une série d'articulations minutieuses où les pointes en saillie (*ἀκταί*), les flots, les petites plages de sable occupent le premier plan ; seulement parfois de hautes montagnes boisées sont signalées dans le fond. Les choses, fait observer M^r Bérard, sont vues de la mer¹. Pour un terrien, Ithaque ne mérite pas l'épithète d'île basse, *χαμαλῆ* ; mais pour des navigateurs, elle est bien l'île basse opposée à l'île haute voisine, Samé (Céphalonie), dont il faut savoir la distinguer. Certaines ressemblances semblent destinées à graver dans l'esprit des points de repère : tel, le bateau pétrifié que figure l'îlot de Karavi, au nord de Corfou ; tel, le cap de l'Ours sur la côte septentrionale de Sardaigne. Comparez la nomenclature imagée et minutieuse, que marins et pêcheurs ont créée à leur usage sur les côtes norvégienne ou bretonne.

Les particularités signalées sur la côte sont les grottes, qui peuvent servir d'embuscade et de cachette, les sources, les aiguades : en un mot, les renseignements nécessaires à la sécurité autant qu'à la subsistance. De l'intérieur une chose surtout importe : les indigènes sont-ils bienveillants ou hostiles ? Mais même dans l'hypothèse la plus favorable, nos navigateurs se garderont de s'enfoncer au fond des golfes sinueux, où les vents contraires pourraient les retenir, comme dans une souricière. Il faut qu'ils puissent, à la moindre alerte, prendre le large ; ou sinon se rendre inexpugnables dans un flot. Par conséquent les rades ouvertes à portée des pointes saillantes, les articulations à demi ou tout à fait détachées du continent, sont précieuses : on préférera longtemps Phalère au Pirée, Chalcédoine à la Corne d'Or. Quelques expressions indiquent qu'on a conscience de

1. VICTOR BÉRARD, *Les Phéaciens et l'Odyssée*, II, p. 412.

com somente uma plataforma na proa e outra na popa: cada objeto tem seu lugar: manobras, gestos, acidentes se explicam pela disposição do navio. Para fugir da ilha de Calipso, Ulisses construiu com troncos esquadriados uma *σχεδιν*; expressão que traduzirei melhor por “barcaça” em vez de “jangada”. Há tipos renomados de navios; estes são as “embarcações rápidas” utilizadas pelos marinheiros mais experientes, tais como os feácios. As partidas ocorrem à noite. Da praia onde eles tinham sido empurrados, os barcos foram rebatidos e conduzidos a remo até o promontório vizinho, de onde se passa a velejar. Trata-se, na verdade, como se mostra nas *Instruções náuticas*, de aproveitar a brisa da terra desde o momento em que ela surge, ou seja, duas ou três horas após o pôr-do-sol. A operação, regularmente repetida, supõe que entre a praia que serve de abrigo e a ponta a partir da qual se toma o mar, a distância nunca é grande; a partida a remo ocorre por volta do anoitecer.

O aspecto das costas é descrito como uma série de articulações minuciosas, onde as extremidades salientes (*ἄχται*), as ilhotas, as pequenas praias arenosas ocupam o primeiro plano; somente às vezes as altas montanhas arborizadas são sinalizadas ao fundo. As coisas, observa o Sr. Bérard, são vistas do mar⁵. Para um terrestre, Ítaca não merece o epíteto de ilha baixa, *χθαμλλη*; mas, para os navegadores, ela é a *ilha baixa* oposta à *ilha alta* vizinha, Same (Cefalônia), da qual é necessário saber distingui-la. Algumas semelhanças parecem destinadas a gravar na mente pontos de referência; como o barco petrificado que consta na ilhota Karavi, ao norte de Corfu; como o cabo do Urso sobre a costa setentrional da Sardenha. Comparem com a nomenclatura fotográfica e minuciosa que marinheiros e pescadores criaram para seu uso sobre as costas norueguesa ou bretã.

As particularidades reportadas sobre a costa são as grutas, as quais podem servir de emboscada e de esconderijo, as fontes, as aguadas, em uma palavra: as informações necessárias para a segurança tanto quanto para a subsistência. Internamente, uma coisa, sobretudo, importa: os indígenas são acolhedores ou hostis? Mas, mesmo na hipótese mais favorável, nossos navegadores tomarão cuidado de não se aventurarem nos golfos sinuosos, onde os ventos contrários poderiam prendê-los como uma ratoeira. É necessário que eles possam, ao menor alerta, zarpar; ou, caso não possam, se dirigirem, sem temor, para uma ilhota. Por consequência, as baías abertas ao alcance das extremidades salientes, as articulações meio ou completamente afastadas do continente são preciosas: preferir-se-á, durante muito tempo, Falero a Pireu, Calcedônia a Trompa de Ouro. Algumas expressões indicam que se tem a consciência desta

⁵ Victor Bérard, *Os fenícios e a Odisseia*, II, p.412.

Annales de Géographie - N° 67

Tome XIII - Pl. 2



Extrait du Tome I^{er} de V. Bérard,
Les Phéniciens et l'Odyssée.

LIBRAIRIE ARMAND COLIN

La ville d'Alkinoos.
Photographie de M^{me} V. Bérard.

Anais de Geografia – Nº 67

Tomo XIII – Fig. 2



Extrato do 1º tomo de V. Bérard, Livraria Armand Colin. Os fenícios e a Odisseia. A cidade de Alcínoo. Fotografia de Sra. V. Bérard.

LA GÉOGRAPHIE DE L'ODYSSÉE.

25

cette habileté à saisir les places favorables et qu'on s'en fait gloire : Ulysse parlant des Cyclopes à ses hôtes Phéaciens fait remarquer qu'en dehors de leur rade s'étend « une petite île, ni trop près ni trop loin de la terre » ; mais ces sauvages n'ont pas songé à en tirer parti¹.

Les photographies ci-jointes éclairent ces particularités de la topographie homérique. La pl. 1 représente un flot de la côte africaine, qu'on devine à demi enveloppé dans les plis du continent : ce serait, pour M^r Bérard, la *cachette* phénicienne (Calypso), poste bien choisi à proximité des colonnes d'Hercule. La pl. 2 représente la rangée superbe de montagnes orientée W-E, qui borde la baie de Liapades, sur la côte occidentale de Corfou. À leur pied se découpent des caps et des anses, et les extrémités de ces caps, ne tenant parfois à la terre ferme que par un isthme déprimé, semblent faites pour porter une de ces villes de navigateurs à port double, telle que fut celle des Phéaciens sous leur roi Alcinoos.

Il n'y a donc pas seulement entre les récits et les descriptions odysseennes un accord intrinsèque où rien ne détonne ; mais nombre de détails qui paraissent vus, saisis sur place. Plus d'une fois c'est dans les *Instructions nautiques* qu'ils trouvent leur explication. Par exemple, les effets météorologiques dus à certains vents sont reconnaissables : notamment ceux du noir et tempétueux Sud-Est. On est donc amené à se demander d'où peut venir cette expérience pratique. M^r Bérard répond en disant que des fragments de périple sont entrés dans la composition de l'Odyssée ; et il apporte à l'appui de cette hypothèse toute la souplesse d'une argumentation ingénieuse, sans oublier les tempéraments et les nuances dont le sentiment ne saurait manquer chez un lettré tel que lui. Il n'y a rien que de très vraisemblable dans cette opinion. La poésie ancienne a plusieurs fois puisé à ces sources. Non seulement il est permis de supposer que des périple ont fourni à Homère un thème sur lequel s'est exercée son imagination ; mais il est fort possible même que d'autres poètes l'eussent fait avant lui, comme d'autres l'ont fait depuis.

L'idée du document géographique une fois admise, quelle en serait la date ? Les poèmes homériques nous apparaissent dans le vague d'une antiquité reculée ; mais ne sommes-nous pas dupes de nuages que nous assemblons nous-mêmes ? Les Grecs de l'époque classique n'avaient pas d'eux l'idée qu'ils remontassent à une date très ancienne. Hérodote, qui vivait au v^e siècle, dit que les poèmes d'Homère ont été composés il y a environ quatre cents ans. Telle est bien à peu près

1. *Odyssée*, IX, vers 116 et suiv. — VICTOR BÉRARD, *Les Phéniciens et l'Odyssée*, I, p. 185.

A GEOGRAFIA DA ODISSEIA

25

habilidade de apreender os lugares favoráveis e que se recebe o crédito por isso. Ulisses, falando dos cíclopes para seus hóspedes feácios, observa que fora de seu porto se estende “uma pequena ilha não tão próxima nem tão distante da terra”; mas esses selvagens não pensaram em tirar partido desta informação⁶.

As fotografias, em anexo, esclarecem essas particularidades da topografia homérica. A fig.1 representa uma ilhota da costa africana, que se entrevê meio envolvida nas dobras do continente: isso seria, para o Sr. Bérard, o *esconderijo* fenício (Calipso), posição bem escolhida nas proximidades das colunas de Hércules. A fig.2 representa a soberba cadeia de montanhas de orientação O-L, que bordeia a costa de Liapades, na costa ocidental de Corfu. A seus pés se entrecortam cabos e enseadas, e as extremidades destes cabos, só se segurando, às vezes, à terra firme, por um istmo deprimido, parecem feitos para abrigar uma dessas cidades de navegadores de porto duplo, como foi aquela dos feácios sob o seu rei Alcínoo.

Então, não há somente entre as narrações e as descrições da Odisseia um acordo intrínseco, onde nada desestabiliza, mas diversos detalhes que parecem ser vistos, tomados no lugar. É, mais de uma vez, nas *Instruções náuticas*, que eles encontram sua explicação. Por exemplo, os efeitos meteorológicos causados por alguns ventos são reconhecíveis, principalmente, aqueles do escuro e tempestuoso Sudeste. Somos, então, levados a nos perguntar de onde pode vir essa experiência prática. O Sr. Bérard responde, dizendo que os fragmentos de viagens entraram na composição da Odisseia; e ele traz, para o apoio dessa hipótese, toda a sutileza de uma argumentação engenhosa, sem esquecer os temperamentos e as nuances, cujo sentimento não faltaria em um estudioso como ele. Não há nada muito plausível nessa opinião. A poesia antiga, muitas vezes, extraiu dessas fontes. Não somente é permitido supor que as viagens forneceram a Homero um tema sobre o qual se desenvolveu sua imaginação; mas é bem possível que até outros poetas o tivessem feito antes dele, como outros fizeram desde então.

Uma vez admitida a ideia do documento geográfico, qual seria a sua data? Os poemas homéricos nos aparecem na vaga de uma antiguidade remota; mas não somos nós os tolos de nuvens que nós mesmos formamos? Os gregos da época clássica não tinham ideia de que eles remontassem a uma data tão antiga. Heródoto, que vivia no século V, diz que os poemas de Homero foram compostos há cerca de quatrocentos anos. Esta é mais ou menos

⁶ Odisseia, IX, verso 116 e seg. – Victor Bérard, *Os fenícios e a Odisseia*, I, p.185.

l'époque à laquelle nous ramèneraient les renseignements qu'on peut extraire des documents ayant servi à la composition de l'Odyssée. Ils se rapporteraient à une époque où déjà, d'après le témoignage explicite de Strabon, les Phéniciens avaient poussé leurs expéditions maritimes jusqu'aux extrémités occidentales de la Méditerranée. Mais d'autre part les données du poème indiquent, comme on va voir, un état social évidemment antérieur à la colonisation hellénique, qui ne commença pas avant le VIII^e siècle.

Une vie active fermente le long des côtes de la Méditerranée. Aux abords des détroits ou des grands promontoires qui partagent les vents, sur les rivages où abonde la coquille à pourpre, il n'est guère de pointe ou d'îlot (*ἀγρὰ καὶ νησίδια*, comme dit Thucydide) d'articulation favorable qui n'ait été l'objet de l'attention des navigateurs, d'une occupation temporaire ou permanente. Ces stations sont multipliées, comme il convient pour ces vaisseaux qui suivent les côtes en tâtonnant, et qui attendent les moments propices pour se lancer en haute mer. Il n'est pas rare qu'on soit forcé d'y faire de longs séjours : car c'est par mois ou par semaines qu'il faut compter parfois, avant que les vents contraires s'apaisent et que les passages redoutés deviennent praticables. Les corsaires qui aux XVII^e et XVIII^e siècles, écumaient l'archipel, s'étaient ainsi créé des « reposoirs » où ils stationnaient longuement, où ils oubliaient, sinon la patrie à laquelle ils ne songeaient guère, du moins les intérêts de leurs commanditaires ou armateurs. On y faisait bonne chère, comme chez les Phéaciens. M^r Bérard a mis largement à contribution les récits amusants où Thévenot, Paul Lucas et d'autres dépeignent cette vie aventureuse, dont plusieurs traits rappellent la vie homérique de la Méditerranée. Plus d'un Eumée enfant fut enlevé ainsi, avec sa bonne et les trésors volés à la famille, par ces compagnons de mer, chrétiens ou barbaresques ! Mais faut-il mettre sur le compte des Phéniciens tout ce qui nous est raconté des exploits de ces commerçants ou aventuriers de la mer ? Plus d'un peuple de « professionnels » s'était sans doute formé de lui-même ou à leur école. Les Cariens, Phéaciens, Taphiens, parmi d'autres sans doute dont il est également difficile de définir l'origine, nous semblent jouer leur rôle à part, dans les divers compartiments plus ou moins séparés dont se compose le bassin méditerranéen. J'ai peine à croire à une véritable *thalassocratie* s'étendant d'un bout à l'autre de cette mer.

On comprend qu'une juste défiance réciproque préside à ces rapports commerciaux. Si les navigateurs hésitent à s'engager dans les golfes profonds, les terriens n'hésitent pas moins à s'établir trop à proximité des rivages. Ils se cantonnent sur les hauteurs, à distance ; la plage ou la *marine* étant l'endroit neutre où se pratiquent les échanges, le bazar improvisé où s'étalent les objets susceptibles de

a época a qual nos levariam as informações de que podemos extrair documentos utilizados na composição da Odisseia. Estes se relacionavam a uma época, onde já, de acordo com testemunho explícito de Estrabão, os fenícios tinham estendido suas expedições marítimas até as extremidades ocidentais do Mediterrâneo. Mas, por outro lado, os dados do poema indicam, como veremos, um estado social evidentemente anterior à colonização helênica, que não começou antes do século VIII.

Uma vida ativa fervilha ao longo das costas do Mediterrâneo. Em torno dos estreitos ou dos grandes promontórios que compartilham os ventos, nas costas, onde a concha púrpura é abundante, quase não há uma ponta ou uma ilha (*ἄχραι καὶ νηΐδια*, como diz Tucídides) de articulação favorável, que não tenha sido objeto de atenção dos navegadores, de uma ocupação temporária ou permanente. Essas estações se multiplicaram, como convém para essas embarcações que seguem as costas à esmo, e que esperam momentos propícios para se lançarem em alto mar. Não é raro ser forçado a aí ter longas estadias, pois é preciso aguardar algumas vezes por meses ou por semanas até que os ventos contrários se apaziguem e que as temidas passagens se tornem praticáveis. Os corsários que, nos séculos XVII e XVIII, percorreram o arquipélago, tinham, assim, criado “repositórios”, onde eles estacionavam longamente, onde eles esqueciam, senão a pátria na qual eles quase não pensavam, pelo menos, os interesses de seus patrocinadores ou armadores. Aí se tinha boa comida, como entre os feácios. O Sr. Bérard fez largamente uso de histórias divertidas, onde Thévenot, Paul Lucas e outros retratam esta vida aventureira, cujos diversos traços lembram a vida homérica do Mediterrâneo. Mais de uma criança Eumaeus foi raptada assim, com a sua babá, e os tesouros roubados da família, por seus companheiros de mar, cristãos ou bárbaros! Mas é necessário culpar os feácios por tudo o que nos é dito sobre as façanhas destes mercadores ou aventureiros do mar? Mais do que um povo de “profissionais” era, sem dúvida, formado por si ou na sua escola. Os carianos, feácios, tafianos, entre outros, cujas origens são, igualmente, difíceis de definir, nos parecem desempenhar seu papel à parte, nos diversos compartimentos mais ou menos separados que compõem a bacia mediterrânea. Custa acreditar em uma verdadeira *talassocracia* se estendendo de uma ponta a outra deste mar.

Compreende-se que uma justa desconfiança recíproca presida nestas relações comerciais. Se os navegadores hesitam em penetrar nesses golfos profundos, os terrestres não estão menos relutantes em se instalarem demasiado perto das costas. Eles estão confinados nas alturas, à distância; a praia ou a *marina* sendo o local neutro onde se realizam os intercâmbios, o bazar improvisado onde se instalam os objetos suscetíveis

LA GÉOGRAPHIE DE L'ODYSSÉE.

27

tenter la curiosité féminine. Le type de la ville homérique est la ville haute, αἰπὸ πολλέθρον¹. L'emporion maritime, tel que devaient le représenter Milet, Corinthe, le Pirée, n'existe pas encore; Thucydide en fait lui-même la remarque.

Cependant la haute antiquité hellénique ou méditerranéenne a connu des villes où le luxe du dehors, les denrées lointaines et précieuses trouvaient accès. Elles ne sont pas maritimes; mais elles occupent une sorte de position intermédiaire entre la position maritime et continentale. Ce n'est pas certainement par une pure coïncidence de hasard, que des cités d'antique renom, dont on a exhumé de nos jours la splendeur, Ilion, Mycènes, comme aussi la Thèbes de Cadmus, sont situées vers le milieu d'un isthme, entre deux golfes ou mers qui se correspondent. Ilion domine le plus court passage entre le golfe d'Adramytte et la Propontide, comme Thèbes la route entre le golfe d'Atalanti et celui de Corinthe, comme Mycènes surveille, entre ce dernier et celui de Nauplie, la voie la plus directe. Pour montrer comment cette importance était liée aux habitudes invétérées de la navigation antique, M^r Bérard fait fort à propos remarquer que longtemps plus tard, à l'époque de la guerre du Péloponnèse, c'était encore par la voie terrestre qu'Athènes communiquait avec l'Eubée. La prise de Décélie, située à mi-chemin dans l'isthme attique, menaça de couper ces relations.

A l'Ouest du monde civilisé existe un monde barbare, dont la distinction apparaît nettement dans l'Odyssée. Elle s'exprime par un criterium, le genre de nourriture. Les civilisés sont « les mangeurs de farine ». En cela volontiers verrions-nous un indice de localisme à ajouter à ceux que l'auteur a maintes fois relevés. Céphalonie, le principal morceau du royaume d'Ulysse, jouissait d'une fertilité proverbiale en orge et en blé, qu'attestent les monnaies. Pour les navigateurs de ces îles, les mangeurs de fruits (Lotophages) et surtout les mangeurs de chair paraissaient des êtres étrangers à toutes les convenances et aux habitudes reçues. Cette façon de se distinguer n'est pas moins naturelle, fait observer M^r Bérard, que celle de se distinguer par le langage. — Avons-nous d'ailleurs perdu toute habitude de ce criterium et n'en pourrait-on pas, entre peuples d'Europe, citer encore des exemples?

C'était surtout le monde pastoral et sauvage que les colons grecs devaient rencontrer plus tard en Sicile, en Campanie, en Sardaigne, qui excitait un mélange d'aversion et de terreur. Ces Cyclopes, ces Lestrygons apparaissent comme des êtres à moitié fantastiques. Aux traits dont il est dépeint, Polyphème est à la fois une montagne et un homme. L'œil rond du Cyclope représente peut-être, dans l'ima-

A GEOGRAFIA DA ODISSEIA

27

de seduzir a curiosidade feminina. O tipo de cidade homérica é a cidade alta, ἀπὸ πτολιεθρον⁷. O empório marítimo, como deviam representar Milet, Corinto, Pireu, não existem mais; o próprio Tucídides o observou.

No entanto, a alta antiguidade helênica ou mediterrânea conheceu as cidades, onde os luxos do exterior, os bens distantes e preciosos encontravam acesso. Elas não são marítimas, mas elas ocupam uma espécie de posição intermediária entre a posição marítima e continental. Não é, certamente, por pura coincidência do acaso, que as cidades de antigo renome, cujo esplendor se exuma hoje, Ílion, Micenas, bem como Tebas de Cadmo, são situadas no meio de um istmo, entre dois golfos ou mares que se comunicam. Ílion domina a passagem mais curta entre o golfo de Adramytte e Propôntida, como Tebas domina a curta passagem entre o golfo de Atalanti e o de Corinto, como Micenas vigia, entre esse último e o de Náuplia, o caminho mais direto. Para mostrar como essa relevância estava ligada aos hábitos arraigados da navegação antiga, Sr. Bérard salienta que, muito tempo depois, na época da guerra do Peloponeso, era ainda por via terrestre que Atenas se comunicava com Eubeia. A tomada de Deceleia, localizada a meio caminho do istmo ático, ameaçou cortar essas relações.

A Oeste do mundo civilizado existe um mundo bárbaro, cuja distinção aparece claramente na Odisseia. Ela se expressa por um critério: o gênero do alimento. Os civilizados são “os comedores de farinha”. Nisso, veríamos, de bom grado, um índice de localismo para adicionar ao que o autor tem apontado, repetidamente. Celafônia, a principal parte do reino de Ulisses, desfrutava de uma fertilidade proverbial em cevada e trigo, o que é atestado pelas moedas. Para os navegadores dessas ilhas, os comedores de frutas (lotófagos) e, sobretudo, os comedores de carne pareciam seres estranhos para todas as conveniências e para os hábitos recebidos. Essa maneira de se distinguir não é menos natural, nota o Sr. Bérard, que aquela de se distinguir pela linguagem. – Aliás, será que perdemos todo hábito desse critério e não poderíamos mais citar exemplos entre povos da Europa?

Era, principalmente, o mundo pastoral e selvagem que os colonos gregos deviam encontrar mais tarde na Sicília, na Campânia, na Sardenha, que excitava uma

⁷ Victor Bérard, *Os fenícios e a Odisseia*, I, p.93.

gination anthropomorphique du poète, les cratères circulaires qui impriment un aspect si étrange aux Champs phlégréens. Paysages bizarres et êtres singuliers ne font qu'un, s'incarnent l'un dans l'autre. Telle fut sans doute la première impression que produisit sur les civilisés d'alors ce monde de montagnards et de pasteurs, qui est l'élément hostile et jamais entièrement dompté des contrées méditerranéennes; le *τὸ μέγιστον* dont parle Strabon¹, en songeant aux efforts que sa subordination avait coûtés à la colonisation grecque et même à la puissance romaine.

Ceux qui pensent que le sens des réalités vivantes est essentiel à l'interprétation du passé, trouveront plaisir et profit à l'œuvre que nous venons de trop brièvement analyser. Ce ne serait pas être juste envers elle que d'y louer seulement l'ampleur de l'information et la richesse des vues, et une ingéniosité qui séduit dans les parties mêmes où, par exception, elle ne réussit pas entièrement à convaincre. Je crois que ce livre est de nature à exercer une bonne influence sur l'exégèse homérique, en la tirant hors des voies où souvent elle s'égare. Les choses grecques ne doivent pas être jugées d'un point de vue abstrait et idéaliste. M^r Bérard déclare en plusieurs endroits qu'il se range parmi les « plus homériques »; il entend par là que les expressions, les épithètes, les images de l'Odyssée s'appliquent à des choses effectivement vues et pratiquées. On peut remarquer que dans plusieurs de ses opinions il ne fait que revenir à celles que les anciens avaient déjà préconisées, et qu'à tort avaient écartées certains modernes. C'est que par le sentiment direct des lieux et des hommes, il se rapproche, plus que ces modernes, de l'état d'esprit que les Grecs eux-mêmes portaient dans leurs jugements comme dans leurs œuvres. La critique de *scholar* que nous appliquons à ces vieux textes a probablement tort dans le dédain qu'elle montre pour ce mode en apparence terre à terre d'interprétation. Le cadre où se dessine le poème ne perd rien à être éclairé par des réalités vivantes. Il prend ainsi quelque chose de la précision et des lignes arrêtées que le génie grec mettait en tout; Athéna sans doute s'y reconnaîtrait mieux.

P. VIDAL DE LA BLACHE.

¹. STRABON, II, 5, 26.

mistura de aversão e de terror. Os cíclopes, esses lestrigões, aparecem como seres meio fantásticos. Pelos traços como foi retratado, Polífemo é, ao mesmo tempo, uma montanha e um homem. O olho redondo do cíclope representa, talvez, na imaginação antropomórfica do poeta, as crateras circulares que imprimem um aspecto tão estranho aos Campos Flégreos. Paisagens bizarras e seres singulares são um só, se encarnando um no outro. Essa foi, sem dúvida, a primeira impressão que produziu sobre os povos civilizados, então, esse mundo de montanhases e pastores, que é o elemento hostil e nunca totalmente domado nos territórios mediterrâneos. O τὸ μᾶχμιον, do qual Estrabão fala⁸, imaginando os esforços que sua subordinação tinha custado à colonização grega e mesmo à potência romana.

Aqueles que pensam que o sentido das realidades vivas é essencial à interpretação do passado, encontrarão prazer e lucro na obra que acabamos de analisar bem brevemente. Não seria justo, em relação a ela, apenas elogiar a magnitude da informação e a riqueza das perspectivas, e uma engenhosidade que seduz mesmo nas partes, onde, por exceção, ela não consegue convencer completamente. Acredito que este livro é susceptível de exercer uma boa influência na exegese homérica, tirando-a dos caminhos, onde, muitas vezes, se desvia. As coisas gregas não devem ser julgadas de um ponto de vista abstrato e idealista. Sr. Bérard declara, em vários lugares, que está entre “os mais homéricos”; o que significa que as expressões, os epítetos, as imagens da Odisseia se aplicam às coisas efetivamente vistas e praticadas. Podemos notar que, em várias de suas opiniões, ele só retorna àquelas que os anciãos já haviam preconizado e que, erradamente, haviam rejeitado algumas modernas. É que pelo sentimento direto dos lugares e dos homens, ele se aproxima, mais que esses modernos, do estado de espírito que os próprios gregos carregavam nos seus julgamentos, bem como em suas obras. A crítica *acadêmica* que aplicamos nesses textos antigos está, provavelmente, errada no desdém que ela mostra para esse modo de interpretação, aparentemente, descendente. A estrutura onde o poema toma forma nada perde para o ser iluminado por realidades vivas. Ele toma, assim, algo da precisão e das linhas fixas colocadas em tudo pelo gênio grego, Atenas sem dúvida, ali se reconheceria melhor.

P. Vidal de la Blanche.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

FERNANDES, D.D.R.A.; FERREIRINHA, M.M. A Geografia da Odisseia. Revista Tamoios, São Gonçalo, v. 17, n. 2, p. 246-267, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2021.62117>. Acesso em: DD MM. AAAA.

⁸ Estrabão, II, 5, 26.